

Sou apenas um procurador de amigos

Gustavo Cerqueira Guimarães *

“Eu sacrificaria minha ideia mais nobre
para não perder um amigo”.

Somos amigos de pedaço, de vintém;
cada qual catando o que lhe convém.
Não me tomas inteiro, nem eu também;
é no caco da alma que a gente se dá bem.
Neste jogo difícil, ninguém é completo,
o espelho se quebra e o afeto pega no resto.

A presença do amigo só clareou na esquina,
quando a minha sombra cruzou a dele na rotina.
Nunca vi seus segredos por dentro do casaco,
só partilhamos o papo, o taco e o buraco.
Romance é conversa fiada de bar, de lar,
o que vale é a farpa que junta no olhar.

E estamos aqui, sem grandes planos,
numa partida de futebol, no altiplano.

As coisas cambiam, as bolas se afastam,
e as coxas bambas, soltas, sem mastro.
É mau perder um chapa na era mais dura,
quando uma amizade nova já parece loucura.
Mas ainda procuro, no bloco ou no sarau, no fim,
um pedaço de corpo que se encoste em mim.

Pela América, gastamos também nosso tempo,
a planejar como se fôssemos muito avarentos.
Em La Paz, *ciudad de la amistad*, com a pura coca,
cura que não é crime, é cultura que invoca.
À noite, com *soroche*, vigio o parceiro,
um segura o outro no colo, no fôlego inteiro.

E estamos aqui, sem outros pânico,
para ver o Galo, El Minero, no altiplano.

Chamaram-me Miro, *el poeta*, de traficante barato,
que entorpece a massa com versos insensatos.
Redelvim, anarquista de humor atravessado,
companheiro difícil, mas nunca negado,
no guardanapo risca a canção perdida:
Mi socio ecoando, agora, nesta escrita.

Os quadros se sucedem, alguns se vão,
as perspectivas mudam na curva do chão.
Perder um camarada na idade pesada,
é sentir que a roda da vida dá risada.
Mas ainda procuro na letra, no abrigo,
uma voz que sempre me chame de amigo.

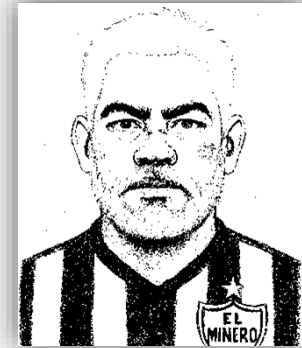
E estamos aqui, sem muitos panos,
com o amigo para ver o Evo, no altiplano.

— Que mais fazer, Carolino amigo?



Sou apenas um procurador de amigos: Bolívar x El Minero | Clipoema 11.
Clique na imagem ou no link (YouTube): <https://bit.ly/4ntmt6L>

Gustavo Cerqueira Guimarães é o autor da série de narrativas *El Minero*, publicada no portal *Ludopédio* (São Paulo) durante as campanhas do Atlético Mineiro na Copa Libertadores (2016, 2017 e 2019) e retomada em verso em 2024 e 2025 – nesta última, pela Copa Sul-Americana.



A partir d'*O amanuense Belmiro*, do montes-clarense Cyro dos Anjos, romance de 1937 ambientado em Belo Horizonte, o personagem homônimo adquire progressiva autonomia: seus dilemas pessoais e observações do cotidiano passam a se sobrepor à narrativa das partidas, sem, contudo, delas se desvincular.

Nesse percurso, Miro desenvolve uma poética de circunstância que transita por múltiplas linguagens – da crônica e da poesia à música, à inteligência artificial, à fotografia e ao vídeo –, construindo um universo em que futebol, arte, mídia e memória se entrelaçam. Aqui, a encenação visual se passa em território boliviano.

Em “*Sou apenas um procurador de amigos*”, título extraído d'*O amanuense Belmiro* (1937), de Cyro dos Anjos, é evocado o 11º jogo do Atlético pela Copa Sul-Americana de 2025, pelas quartas de final, em La Paz, contra o Bolívar. A partida, que terminou empatada em 2 a 2, revela-se menos pelo placar e mais pelas reflexões que suscita sobre a amizade, a vida e suas fragilidades.

Quem fala reconhece que os vínculos nunca se dão em totalidade, mas apenas em partes: “Não me tomas inteiro, nem eu também; / é no caco da alma que a gente se dá bem”.

A experiência coletiva do futebol no *altiplano pazeño*, entre o *soroche* (o mal provocado pela altitude) e os afetos, intensifica essa busca por cumplicidade, ao mesmo tempo em que explicita o risco da perda: “Perder um camarada na idade pesada / é sentir que a roda da vida dá risada”. O poema desloca o olhar do jogo para os laços que se tecem em sua órbita, afirmando a amizade como gesto insistente de resistência e de invenção de comunidade.

Ao deslocar o foco do campo para o cotidiano, Miro evidencia que a amizade não se funda em grandes feitos ou gestos heroicos, mas nos pequenos rituais de presença e cuidado: a sombra que se cruza, o papo compartilhado, o corpo que se encosta. A partida de futebol, nesse sentido, funciona como catalisador desses encontros, oferecendo ritmo, tensão e intervalo para que os afetos circulem nos espaços de La Paz – ruas, sarau ou bloco.

Miro e seus amigos Redelvim e Carolino aparecem como sujeitos que atravessam o terreno ético e existencial, articulando responsabilidade e cumplicidade frente à precariedade da vida. Nesse sentido, o afeto se constrói como um gesto reiterado que resiste à perda e à fragmentação, afirmando a presença do outro mesmo em contextos adversos – seja no *soroche*, na dura partida ou na escrita compartilhada.

* * *

* Gustavo Cerqueira Guimarães é professor, pesquisador, editor e poeta, criador de Miro Borba, poeta do Galo, sobrinho-neto de Belmiro Borba – melancólico protagonista d’*O amanuense Belmiro* (1937), de Cyro dos Anjos. Miro herdou de seu tio-avô não apenas os diários inéditos, mas também a casa no Prado, em Belo Horizonte, além da verve imaginativa e do espírito contemplativo.

Sua figura, com a prótese que substitui o braço perdido na aterrissagem na Pampulha após o retorno de um jogo do Galo, integra a moldura estética do personagem. Na arquibancada, Miro observa gestos, ruídos e tensões de torcedores, convertendo o jogo em espaço de linguagem, onde épico e crônica, vivido e invenção se tocam.

Em 2018, Miro tornou-se personagem da vídeo-performance *Lançou a palavra: São Victor do Horto opera milagre em Assunção* (CineFoot, 2018).